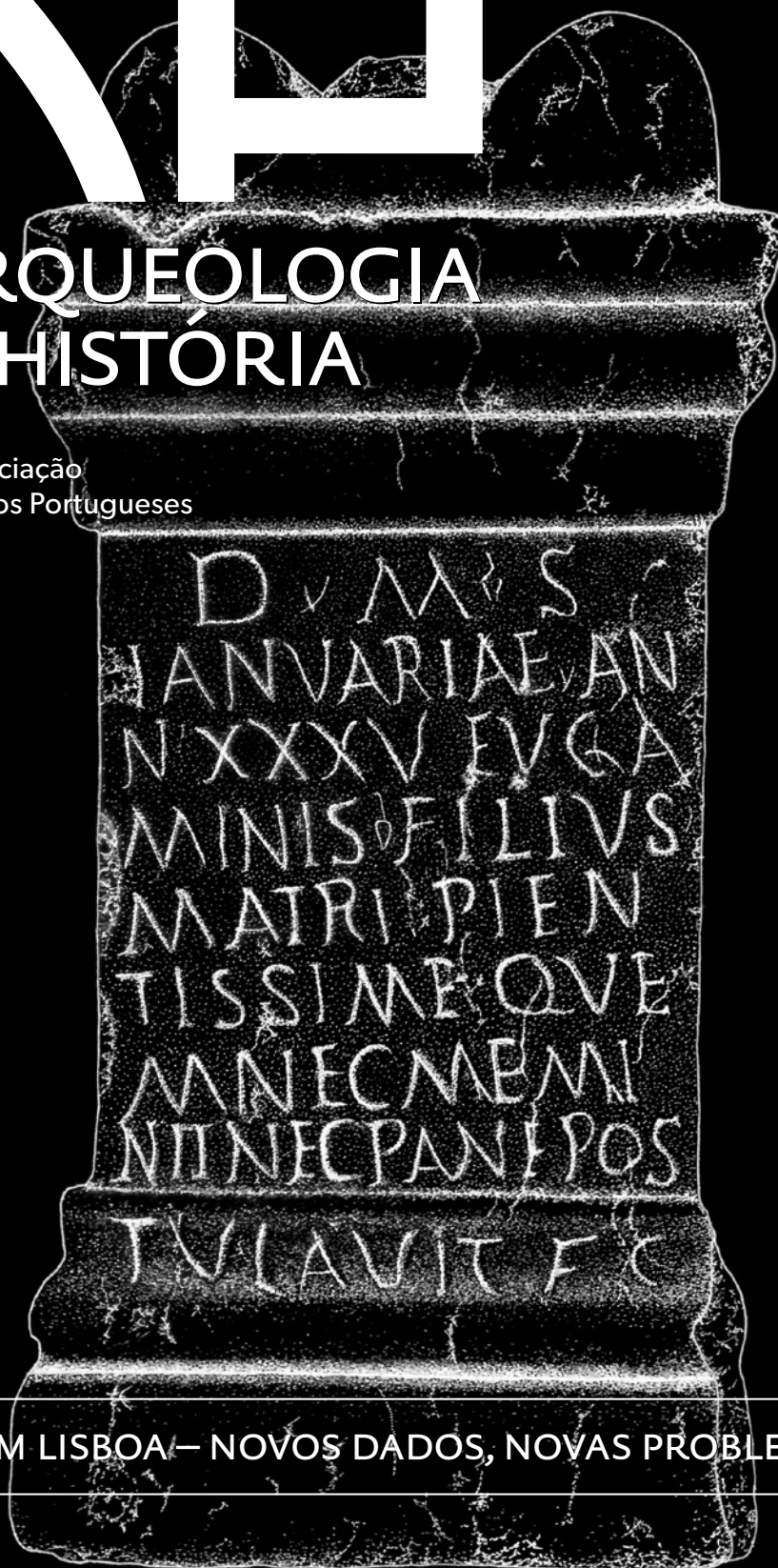


ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 71-72



A MORTE EM LISBOA— NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

71-72

Ano de Edição

2022

Anos Associativos AAP

2019-2020

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Ara funerária romana de Entrecampos (desenho César Neves)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

A MORTE EM LISBOA – NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

9 A Morte em Lisboa – Novos dados, novas problemáticas

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

13 Morrer em Lisboa. Contextos e contributos arqueológicos

Margarida Ataíde

25 ‘*et sepultus est*’ – A multiplicidade da morte na Necrópole Noroeste de Olisipo

Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves Cardoso

35 Biografias na Morte: visitar o Hospital Real de Todos-os-Santos, no séc. XVIII, através das evidências bioarqueológicas

Francisca Alves Cardoso, Sílvia Casimiro, Jennifer Loughton, Rodrigo Banha da Silva, Sandra Assis, Nicholas Marquéz-Grant

45 Os enterramentos do claustro do Convento do Santíssimo Rei Salvador (Santa Maria Maior)

Nathalie Antunes-Ferreira, Nuno Mota

57 Vida e morte das freiras do Convento de Santana

Nathalie Antunes-Ferreira

73 Espólios funerários do Convento de Santana em Lisboa (campanha de 2002-2003)

Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Carlos Boavida, Joana Gonçalves

91 As necrópoles da Igreja e Convento do Carmo: intervenção arqueológica (2013/2015)

António Marques, Raquel Santos

105 Enterramentos no Largo do Coreto em Carnide: vestígios do cemitério da Ermida do Espírito Santo

Susana Garcia, Ana Caessa, Nuno Mota

119 Debaixo do vão de escada: o inusitado conjunto osteológico humano do extinto Tribunal da Boa Hora, Lisboa

Marina Lourenço, Inês Simão, Lucy Shaw Evangelista, Catarina Furtado

ARTIGOS

133 Novedades de arte rupestre premagdalenense en el centro de la región cantábrica (España)

Ramón Montes Barquín, Roberto Ontañón Peredo

145 A exploração e consumo de laticínios na pré-história europeia: uma abordagem a partir das “queijeiras” do Ocidente Peninsular

Lucas Barrozo

159 O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). *Notas sobre a campanha de escavação de 2019*

César Neves, José Morais Arnaud, Mariana Diniz, Andrea Martins

185 Um novo epitáfio de *Olisipo*: a ara funerária romana de Entrecampos (Lisboa)

José Morais Arnaud, José d’Encarnação, César Neves

ARTIGOS. DO CARMO A SÃO VICENTE – PARTE II

193 Colóquio de homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

- 195 Do Vicente ao Vencimento, um mosteiro e um convento. Dois contributos para a divulgação de dados histórico-arqueológicos
Carlos Boavida
- 207 Marfins afro-portugueses de São Vicente de Fora (séculos XV-XVI)
Mário Varela Gomes
- 219 Castidade ou penitência? O “cinto” em ferro do Mosteiro de São Vicente de Fora
Tânia Manuel Casimiro, António Augusto Branco
- 225 D. João VI – um caso de envenenamento revisitado
Sandra Coelho
- 235 S. Vicente de Fora – meio século de actividade arqueológica
Nuno F. Poínhas Pires

RELATÓRIOS

- 251 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2019
José Morais Arnaud
- 257 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2020
José Morais Arnaud
- 261 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 265 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 269 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019. Plano de Actividades para o Ano 2020
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 273 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020. Plano de Actividades para o Ano 2021
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 275 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 287 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 291 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2019
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 293 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2020
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 295 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 297 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 299 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3000). Relatório de Actividades do Ano 2019
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 307 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3000). Relatório de Actividades do Ano 2020
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

DEBAIXO DO VÃO DE ESCADA: O INUSITADO CONJUNTO OSTEOLÓGICO HUMANO DO EXTINTO TRIBUNAL DA BOA HORA, LISBOA

Marina Lourenço¹, Inês Simão², Lucy Shaw Evangelista³, Catarina Furtado⁴

¹ ERA, Arqueologia S.A. / marinalourenco@era-arqueologia.pt

² ERA, Arqueologia S.A. / inessimao@era-arqueologia.pt

³ ERA, Arqueologia S.A. / lucyevangelista@era-arqueologia.pt

⁴ ERA, Arqueologia S.A. / catarinafurtado@era-arqueologia.pt

Resumo

No âmbito dos trabalhos arqueológicos associados ao Projecto de Adaptação Parcial do extinto Tribunal da Boa Hora, a abertura de uma parede que selava um vão de escadas permitiu a descoberta insólita de um conjunto significativo de ossadas humanas. Foram contabilizadas 1571 peças osteológicas, encontrando-se a sua maioria depositada directamente no chão e uma pequena parte arrumada em duas caixas de madeira. O perfil biológico do material recuperado compreende um número mínimo de 43 indivíduos, 39 adultos e 4 não adultos com idades inferiores a 7 anos, dos quais 11 pertencem ao sexo feminino, 17 ao masculino e 11 onde este parâmetro se concluiu indeterminado. A análise paleopatológica revela uma vasta diversidade de enfermidades, destacando-se as lesões degenerativas articulares, não articulares e infecciosas.

Palavras-chave: Antropologia, Paleodemografia, Paleopatologia, Lisboa, Moderno.

Abstract

During the archaeological works related to the Partial Adaptation Project of the now extinct Tribunal of Boa Hora, the opening of a wall that sealed a staircase led to the uncovering of a significant number of human bones. A total of 1571 bone elements were counted, most of them deposited directly on the floor and a small part arranged in two wooden boxes. The biological profile of the recovered material comprises a minimum of 43 individuals, 39 adults and 4 non-adults, less than 7 years old. Eleven of the identified adult individuals were diagnosed as female, 17 as male, and for the remaining 11 this parameter was inconclusive. The paleopathological analysis revealed a wide diversity of diseases, especially of a degenerative origin, both articular and non-articular and also a number of infectious lesions.

Keywords: Anthropology, Paleodemography, Paleopathology, Lisbon, Modern.

1. ENQUADRAMENTO E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O presente conjunto osteológico foi identificado no âmbito dos trabalhos arqueológicos associados ao Projecto de Adaptação Parcial do Extinto Tribunal da Boa Hora, para construção de uma nova Escola Básica e Jardim de Infância, que se irá localizar na ala mais a Norte do antigo tribunal.

Este edifício situa-se na esquina da Calçada de S. Francisco com a Rua Nova do Almada, prolongando-se até ao Largo da Boa-Hora, na Baixa de Lisboa. A sua localização, numa área de elevada riqueza patrimonial e reconhecido potencial arqueológico, implicou que as obras decorrentes da execução do projecto incluíssem um conjunto de trabalhos arqueológicos.

Assim, os trabalhos realizados numa abordagem arqueológica integrada que contemplou diversas vertentes: um conjunto de sondagens de diagnóstico arqueológico, que permitiu a compreensão do real potencial arqueológico do sítio; um conjunto de sondagens parietais nas áreas onde o projecto previa afectações do edificado e o posterior acompanhamento arqueológico dos trabalhos de implementação do projecto (Simão, Furtado & Lourenço, 2016).

O edifício onde se instalou o extinto Tribunal da Boa-Hora, ocupando um amplo quarteirão da Rua Nova do Almada, tem as suas raízes no antigo Convento da Boa Hora, construído no século XVII.

Este convento terá sido fundado em 1633, por D. Luís de Castro do Rio, Senhor de Barbacena, ao ceder o antigo sítio conhecido por Pátio das Comédias ou Fangas da Farinha, num edifício contíguo ao seu palácio. Nesta fase inicial este espaço monástico foi ocupado por padres dominicanos irlandeses que aí terão construído uma igreja provisória, passando depois para os irmãos da Congregação de S. Filipe de Néri (Araújo, 1993: 32).

Em 1677 o espaço é finalmente cedido aos Eremitas Descalços de Santo Agostinho que o ocupam até ao Terramoto de 1755. É no último quartel do século XVII, com a instalação da Ordem de Santo Agostinho, que se constrói uma nova igreja, ladeando a recentemente aberta Rua Nova do Almada, dedicada à Nossa Senhora da Boa Hora, sob a protecção da Rainha D. Luísa de Gusmão e tendo como padroeiros os vizinhos Senhores de Barbacena (Valdemar, 1994: 177-178).

O Terramoto de 1755 terá danificado muito o edifício, obrigando à sua total reconstrução. Os relatos conhecidos contam que entre o elevado conjunto de conventos existentes na parte antiga da cidade, o da

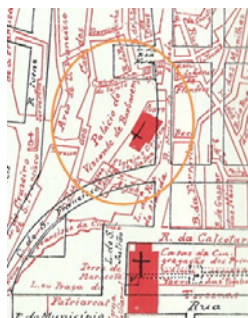


Figura 1 – Fragmento da Planta de Lisboa com a área do Convento da Boa Hora e sua igreja antes (a vermelho) e depois do terramoto de 1755 (a negro). (Vieira da Silva, 1987)

Boa-Hora foi um dos que ficaram reduzidos a cinzas, tendo-se perdido inclusive a sua excelente e antiga biblioteca (Mendonça, 1758: 127).

A reconstrução do convento traz a fisionomia que hoje se pode observar, seguindo os princípios urbanísticos e arquitectónicos da nova Baixa Pombalina, com o seu grande claustro, em volta do qual várias dependências foram sendo construídas.

Nesta altura a igreja terá mudado de localização, para o actual Largo da Boa Hora, (Barbosa, 2014: 21), precisamente para a área de acesso à nova Escola da Baixa, cujo projecto motivou os presentes trabalhos arqueológicos.



Figura 2 – Localização da área edificada após 1755, na Planta Topográfica de Lisboa de 1780 e no Levantamento de Lisboa de Filipe Folque, 1856-1859. Na 1ª planta observa-se a localização da nova igreja junto ao Largo da Boa Hora (correspondendo ao nº 61).

Com a extinção das Ordens Religiosas em 1834, o convento veio a servir de quartel ao 1.º Batalhão dos Bombeiros Voluntários do Comércio, assim como de sede da Guarda Nacional de Lisboa para, finalmente, ficar na dependência do Ministério da Justiça, transformando-se no Tribunal da Boa-Hora (Valdemar, 1994: 177-178).

Já neste contexto, vão-se realizar, durante todo o século XX, importantes obras de adaptação à sua nova função, assim como de ampliação do edifício de origem pombalina com a construção de novos pisos nesta área.

Considerando a sua função religiosa original, previu-se, desde o início dos trabalhos arqueológicos, a possibilidade da presença de contextos funerários.

No entanto, as sondagens realizadas no piso 0, incluindo a área que poderia corresponder à antiga igreja, demonstraram um subsolo completamente afectado pelas referidas obras do século XX. Estas obras incluíram um reforço dos alicerces, com novos pilares em betão e a construção de uma placa de betão, a cerca de 1m de profundidade, em toda a área onde se instalaram as celas dos prisioneiros e que corresponde precisamente à área de implantação da possível igreja.

Perante estas realidades, os trabalhos de implementação do projecto avançaram com o respectivo acompanhamento arqueológico. Foi já durante esta fase de obra que se veio a identificar o referido conjunto osteológico, claro fruto de uma recente deposição secundária.

Durante a abertura parcial de uma parede para instalação de uma conduta de AVAC foi possível observar o interior do vão de escada que permitia o acesso ao Piso 1, e o inusitado achado que ali se encontrava: um amontoado de ossos humanos, depositados directamente no chão, sob a referida escadaria.

Claramente descontextualizados, correspondiam a uma deposição secundária, decorrida provavelmente durante uma das campanhas de obras do Tribunal, em meados do século XX.



Figura 3 – Localização do conjunto osteológico identificado no Google Earth (20/09/2017) e no projecto de obra da CML.

As fortes alterações deste edificado, durante este período, vieram descaracterizar por completo a antiga igreja e o convento, espaços aos quais se deveria associar também uma área de necrópole.

As obras mais recentes, entre as quais se conta a construção da mencionada placa de betão a cerca de 1 m de profundidade precisamente neste local, trouxeram a provável identificação e afectação dos contextos funerários associados a este espaço religioso.

O que é inusitado é precisamente o “cuidado” que houve, nessa altura, em transportar este espólio osteológico e depositá-lo debaixo desta escadaria, selando-se posteriormente o seu vão.

Importa notar que a mencionada escadaria corresponde a uma construção contemporânea, em cimento e tijolo industrial, tendo os ossos aí sido depositados, directamente sobre um piso em cimento e sem qualquer cobertura, após a sua construção.

Perante a sua identificação, compreendeu-se desde logo a necessidade de uma intervenção de cariz antropológico que permitisse remover os ossos deste local e recolher os dados ainda possíveis sobre os mesmos.



Figura 4 – Vista geral do espólio osteológico quando foi identificado e dos trabalhos de exumação dos ossos.

2. CULTURA MATERIAL

A análise da composição funerária observada encarna uma nova dimensão uma vez que retrata uma realidade de muito atípica, na qual o material osteológico se encontrava, como mencionado, completamente descontextualizado.

Os trabalhos de exumação permitiram observar um ossário de grande dimensão, que correspondia à grande maioria dos ossos empilhados, directamente sobre o piso de betão, sob o mencionado lanço de escadas e ali deixados sem qualquer cobertura.

Verificou-se depois que os mesmos foram colocados em redor e por cima de duas caixas em madeira, em elevado estado de degradação, que continham também espólio osteológico no seu interior.

Ambas as caixas tinham dimensões similares, aproximadamente de 70 cm de comprimento por 50 cm de largura, (com uma altura de cerca de 20 cm), tendo sido construídas com tábuas de madeira pregadas entre si.

A caixa 1 correspondia a um modelo contendo uma divisória no interior, permitindo a organização em dois compartimentos distintos, com respectiva tampa. Numa destas divisórias encontrava-se uma possível redução e na outra, várias peças ósseas desorganizadas.

A caixa 2 era simples, com o interior amplo e sem cobertura. No seu interior o material foi colocado com

uma notória organização, com disposição de quatro crânios alinhados longitudinalmente, ossos longos dos membros inferiores colocados paralelamente aos crânios e ossos longos dos membros superiores ordenados perpendicularmente aos anteriores.

Na primeira caixa destacou-se ainda a presença de diverso espólio associado aos ossos aí colocados, nomeadamente um interessante conjunto de vestígios de tecidos e sapatos que estariam associados aos enterramentos e que se podem destacar como fonte de conhecimento relativa aos gestos funerários e à época em que estes indivíduos viviam.

Envoltos no meio do ossário mencionado encontravam-se várias solas de sapatos, em couro, de talhe manual, com diferentes tamanhos e formatos. Na caixa 1, além de uma sola com parte do tecido que formaria o restante corpo do sapato, registou-se uma quantidade significativa de tecidos de diferentes tipologias, tendo sido identificados uma meia, elementos diferenciáveis como franjas, entrançados, costuras, padrões, fitas, faixas, botões forrados a tecido e ainda fragmentos de tecido com elementos metálicos (bronze e ferro). É possível que alguns destes elementos formassem parte de mortalha ou forro de caixão, podendo também corresponder a peças de vestuário. Nesta caixa estavam ainda pegadas de caixão em ferro e alguns pregos.



Figura 5 – Vista geral das caixas de madeira mencionadas, assim como elementos de tecido com franjas e sapato provenientes da Caixa 1.

3. MANIPULAÇÕES E ALTERAÇÕES TAFONÓMICAS

A extrema atipicidade deste cenário é reveladora de diferentes momentos de manipulação dos restos humanos. São disso exemplo, o momento de manipulação mais recente, que terá ocorrido em meados do séc. XX, em consequência de obras efectuadas no edifício, e um momento mais antigo que corresponde ao processo de recolha das peças ósseas dos indivíduos inumados *in situ* e sua posterior organização nas mencionadas caixas de madeira, muito provavelmente idealizadas para este fim.

Desde há muito, a manipulação de ossadas humanas é uma prática habitual entre as populações, por vezes acontecendo com base em rituais funerários, outras vezes estando relacionada com as dinâmicas de organização dos espaços funerários ou ainda acontecendo apenas acidentalmente.

Este contexto é o exemplo perfeito da manipulação que acontece por fruto do acaso. A realização de obras num local de um antigo convento com necrópole associada, facilmente proporciona o encontro com restos

humanos. Apenas se pode conjecturar relativamente ao efeito que este evento inesperado com ossos humanos terá tido sobre o pessoal afecto às obras mencionadas, não obstante, o facto de os ossos não terem sido descartados, é revelador de um cuidado substancial, que resultou num novo local de deposição, neste caso, o vão de escada selado. Esta acção reflecte o impacto do ser humano com a face visível da morte, seja por receio, respeito pelos defuntos, ou mesmo por fascínio, neste caso, pareceu existir uma salvaguarda dos restos humanos, embora se verifiquem, talvez demasiadas vezes, exemplos de acções opostas.

As alterações de carácter tafonómico observadas neste conjunto de material são diversas, derivando de duas causas, o ambiente primário de inumação e o ambiente contemporâneo de deposição secundária.

A cronologia relativamente recente das peças ósseas, possivelmente associada a um ambiente com níveis de humidade pouco severos, permitiu a conservação de alguns vestígios orgânicos, como pequenas madeixas de cabelo, de pilosidades de sobrancelha, pelos púbicos e restos de massa encefálica mumificada, conservada na base de um dos crânios.



Figura 6 – Matéria orgânica preservada. a) Cabelo; b) Interior do crânio com massa encefálica mumificada; c) pormenor da massa encefálica.

Um importante tipo de alterações registadas são as cromáticas, maioritariamente consequentes do contacto dos ossos com o vestuário e adornos pessoais, e dos materiais funerários como alfinetes de mortalha e acessórios dos caixões. Neste conjunto a maioria corresponde a manchas esverdeadas, resultantes da deterioração do cobre/bronze, verificando-se também manchas alaranjadas consequentes do contacto com o ferro degradado e várias manchas acastanhadas que parecem estar relacionadas com a proximidade dos restos de tecido.

Outra das alterações mais significativas é a presença de sais, um número elevado de peças exhibe precipitação intensa de cristais salinos no periosteio. Estes

devem-se à migração de sais presentes em superfícies que estão em contacto com ossos. É um facto indubitável que este fenómeno fragiliza acentuadamente a estrutura óssea, pois promove a proliferação de fendas e lesões que lembram “mordidas”, deixando o osso mais leve e quebradiço, com uma tonalidade cinzenta esbranquiçada.

A colonização biológica, protagonizada por fauna e flora é uma ocorrência habitual, destacando-se aqui a acção de aracnídeos, agentes bastante destrutivos de osso trabecular, uma concentração de casulos larvares no interior de um frontal, que estarão possivelmente relacionados com os processos resultantes da decomposição e ainda o desenvolvimento activo de

pequenas plantas bem como a sua impressão no perióstio, promovendo a instabilidade e fendas na estrutura óssea.

As acções antrópicas relacionadas com a manipulação dos restos esqueléticos resultam muitas vezes em fracturas *post mortem*, decorrentes do acto de desenterramento ou deslocação dos restos mortais. É por este motivo comum verificarem-se lesões perforantes e cortantes resultantes do impacto directo de enxadas, picaretas ou pás, dos quais se observaram vários exemplos.

Por último, importa referir a presença de argamassa e cimento agregados a algumas peças, estes vestígios são manifestações axiomáticas do carácter recente da acção que levou à colocação deste conjunto osteológico no vão da escadaria.

De um modo geral, verifica-se uma admirável preservação das peças osteológicas, a grande maioria conserva-se completa e bastante resistente, verificando-se apenas uma pequena fracção com diferentes graus de fragmentação e alterações no perióstio.

4. OSTEOBIOGRAFIA

A pedra basilar da antropologia biológica e forense é a reconstrução da vida através do esqueleto, criando um perfil biológico ou uma osteobiografia (Dirkmaat *et al.*, 2008), construídos com base nas análises paleodemográfica, morfológica e paleopatológica (Cunha, 1996). Para este conjunto, os perfis biológicos foram avaliados para as caixas 1 e 2, para o restante conjunto que as rodeava (ossário [804]), tendo sido igualmente feita uma abordagem global.



Figura 7 – Conjunto osteológico total, recuperado e organizado por região anatómica.

Caixa 1

A caixa 1 de madeira era composta por dois compartimentos, classificados como metade Este e metade Oeste e acolhia cerca de 201 peças ósseas. A metade Este continha uma redução de um indivíduo adulto do sexo masculino e alguns fragmentos intrusos pertencentes a um indivíduo adulto de sexo indeterminado.

A metade Oeste integrava elementos que pertencem pelo menos a 2 indivíduos adultos, 1 do sexo feminino e 1 masculino (Ferembach *et al.*, 1980; Ubelaker, 1989; Maclaughlin, 1990; Silva, 1995; Wasterlain, 2000; Bruzek, 2002).

Da análise global da caixa resulta um número mínimo de 4 indivíduos (Herrmann *et al.*, 1990), 1 pertencente ao sexo feminino, 2 ao masculino e 1 de sexo indeterminado.

A estimativa da estatura apenas foi exequível para o indivíduo masculino pertencente à redução do compartimento Este, através da medição da tíbia esquerda, resultando numa estatura de aproximadamente $157,33 \pm 3,35$ cm (Oliver *et al.*, 1978).

Caixa 2

A caixa 2, ampla e sem compartimentação interna, albergava aproximadamente 163 peças osteológicas, maioritariamente crânios e ossos longos. O estudo revelou um número mínimo de 8 indivíduos (Herrmann *et al.*, 1990), todos adultos, dos quais a análise da diagnose sexual revelou 3 indivíduos do sexo feminino e 5 do sexo masculino (Ferembach *et al.*, 1980; Ubelaker, 1989; Maclaughlin, 1990; Silva, 1995; Wasterlain, 2000; Bruzek, 2002). Para os primeiros as estaturas variam entre um mínimo de $152,78 \pm 3,56$ cm e um máximo de $154,04 \pm 3,56$ cm, e para o sexo masculino os valores oscilam entre $159,33 \pm 3,98$ cm e $169,60 \pm 3,56$ cm (Oliver *et al.*, 1978).

Ossário [804]

Este conjunto é constituído por todas as peças ósseas que se encontravam sobre e ao redor das caixas de madeira, em contacto directo com o chão e as paredes.

Desta amostra fazem parte aproximadamente 1141 peças osteológicas, cujo estudo permitiu inferir um número mínimo de 33 indivíduos (Herrmann *et al.*, 1990), calculados a partir dos úmeros direitos.

A estimativa da idade à morte revela 4 não adultos com as seguintes idades: 0,5-2,5 anos, 2,5-3,5 anos, 4,5-6,5 anos e 1 com idade inferior a 7 anos, as restantes ossadas correspondem a 29 adultos. A diagnose sexual dos indivíduos adultos aponta para 7 elementos do sexo feminino, 10 do sexo masculino e 12 onde esta análise se mostrou indeterminada (Ferembach *et al.*, 1980; Ubelaker, 1989; Maclaughlin, 1990; Silva, 1995; Wasterlain, 2000; Bruzek, 2002).

No que respeita à estimativa da estatura, o sexo feminino apresenta valores mínimos de $145,38 \pm 3,62$ cm e máximos de $156,97 \pm 3,56$ cm, o sexo masculi-

no varia entre $159,33 \pm 3,98$ cm e $171,33 \pm 3,98$ cm, sendo que estes cálculos foram efectuados a partir dos úmeros e fémures sexualmente dimórficos (Oliver *et al.*, 1978).

5. PALEOPATOLOGIA

O capítulo das paleopatologias surge como um dos mais interessantes na história da vida das populações. Neste conjunto são diversos os exemplos de afecções patológicas existentes na vida destes indivíduos, para além da sua multiplicidade verificam-se igualmente condições severas na expressão das lesões.

A patologia mais frequente das peças osteológicas é como seria expectável, a degenerativa articular, está presente em cerca de 15,85% da amostra (n=249), em muitos casos sob a forma de osteoartrite, afecta sobretudo as articulações dos joelhos, cotovelos e coluna vertebral. Os graus de intensidade variam entre o mais ligeiro (grau 1) e a forma mais severa, com formação de eburnação (Crubézy, 1988). Uma das configurações mais exuberante desta categoria encontra-se num úmero direito verificando-se crescimento ósseo intenso, com características inflamatórias em forma de “cogumelo”.

A nível da coluna, várias vértebras lombares e torácicas exibem formação de osteófitos, presença de nódulos de Schmorl, e ainda um possível caso de DISH (hiperostose esquelética idiopática difusa) ou doença de Forestier (Roberts & Manchester, 2005), apresentando fusão vertebral externa quase completa.

A segunda maior frequência compreende as lesões degenerativas não articulares, estas evidências estão patentes em cerca de 13,05% do conjunto (n=205). Atingem maioritariamente os ossos longos, as patelas e os calcâneos. De um modo geral a sua intensidade é moderada, verificando-se alguns casos bastante severos, nomeadamente a formação de um esporão na face inferior do calcâneo e na inserção do tendão de Aquiles de um calcâneo direito, na fossa solear de uma tíbia, na *linea aspera* de um fémur e no maléolo lateral de uma fíbula.

As lesões tipicamente características das patologias infecciosas parecem marcar presença em pelo menos 2,67% (n=42) da amostra. Verificam-se vários casos de periostite e formação de “woven bone”, bem como concentrações de porosidade e espessamento de diáfise, que promoveram alterações significativas nos ossos longos, incluindo a formação de cloacas. Existem inúmeros agentes infecciosos, algumas das evidências encontradas parecem enquadrar-se nos

efeitos provocados pelo treponema, uma bactéria habitual que entre outras patologias é responsável pela sífilis. Outro tipo de bactérias que poderão marcar igualmente presença é a estreptococos e a estafilococos, que entre outras, são os agentes provocadores de patologias como a osteomielite (Ortner, 2003). A intervenção de outros agentes patogénicos não poderá ser descartada, sendo recomendável efectuar uma análise mais detalhada.

Apesar de as lesões traumáticas estarem descritas como um tipo de acontecimento comum na história das patologias humanas, nesta amostra, invulgarmente, apenas se identificaram dois casos em metatársicos, ambos apresentam alterações na diáfise e um calo ósseo perfeitamente consolidado, e em duas vértebras lombares, que parecem ter sofrido uma fractura de compressão *ante mortem* que originou a fusão dos corpos vertebrais.

Os possíveis casos de patologia metabólica verificam-se sobretudo em elementos pertencentes a não adulto (fragmentos cranianos e ossos longos) observam-se bastante porosidade, bem como *cribra orbitália* no tecto de uma órbita. Estes indicadores muitas vezes estão relacionados com distúrbios metabólicos, contudo, mais uma vez, o facto de corresponderem a peças isoladas, impossibilita um diagnóstico mais preciso.

Foram ainda diversas as lesões observadas, registam-se dois casos de patologia neoplásica ligeira, sob a forma benigna de dois crescimentos em forma de botão (osteomas) no seio nasal de um frontal e junto ao grande trocânter de um fémur, dois casos de hiperostose frontal interna ou síndrome de Morgagni, que corresponde a um espessamento da tábua interna do osso frontal e pode estar relacionada com distúrbios endócrinos, sendo mais comum no sexo feminino (Aufferheide & Rodriguez-Martin, 1998 e Ortner, 2003). Identificando-se também a presença de concha *bullosa* e consequente desvio do septo nasal num crânio.

As anomalias congénitas estão representadas através de processos xifóides fundidos, fusões vertebrais incompletas e sacralizações, espinha bífida incompleta e espondilólise.

Por último resta mencionar a presença de caracteres discretos, nesta amostra encontram-se alguns casos de abertura septal nos úmeros, calcâneos com faceta contínua e faceta dupla, um crânio com sutura metópica, um caso de *plaque* na margem antero-superior da cabeça de um fémur (Finnegan, 1978), presença de faceta sacral acessória na superfície auricular de um ilíaco esquerdo e de um sacro e ainda um caso de *foramen* supraescapular numa escápula esquerda.



Figura 8 – Lesões patológicas. a) possível caso de DISH, na coluna torácica e lombar; b) frontal com presença de hiperostose frontal interna; c) íliaco esquerdo com eburnação na superfície auricular; d) úmero direito de não adulto com porosidade intensa; e) calcâneo direito com entesopatia muito severa na inserção do tendão de Aquiles e esporão na face inferior.

6. PATOLOGIA ORAL

Os dentes estão sujeitos a stresses contínuos de origem mecânica, química e patogénica, desde a sua erupção na cavidade oral, sendo muito afectados pelos factores dietéticos, o que faz deles indicadores por excelência de perturbações nutritivas e ambientais (Cunha, 1994).

No conjunto analisado estão presentes 20 maxilares, 27 mandíbulas e 39 dentes soltos, que no total compreendem 229 peças dentárias, 27,5% (n=63) pertencentes à dentição anterior e 72,5% (n=166) à dentição posterior.

Várias são as alterações que marcam presença na dentição destes indivíduos. A perda *ante mortem* ocorre em 45% (n=9) dos maxilares e em 62,9% (n=17) das mandíbulas, quer na dentição anterior quer na posterior, registando-se um caso isolado de perda total *ante mortem*, com reabsorção alveolar completa e redução da espessura numa mandíbula. O desgaste dentário resultante do stress mastigatório afecta 35% (n=7) dos maxilares, 48,2% (n=13) das mandíbulas e 94,9% (n=37) dos dentes soltos, a sua intensidade varia entre o ligeiro, grau 1 e o mais severo, grau 6 (Smith, 1984), este último presente apenas em primeiros e se-

gundos molares. De referir ainda um caso de desgaste atípico no FDI 43 de uma mandíbula que parece estar relacionado com algum hábito ou actividade contínua envolvendo este dente. Os depósitos de tártaro estão presentes em 70% dos maxilares (n=14), em 63% (n=17) das mandíbulas e em 79,5% (n=31) dos dentes soltos, quer na face lingual como bucal.

As cáries são evidentes em 10,9% (n=25) dos dentes, sendo que 4,8% (n=3) fazem parte da dentição anterior e 34,9% (n=22) da posterior. A severidade varia entre cáries de pequena dimensão e outras muito exuberantes que afectam toda a coroa, causando a sua total destruição.

Quatro maxilares e 6 mandíbulas manifestam quistos periapicais activos. Verifica-se também a presença de regressão alveolar em segmentos de 3 maxilares e 3 mandíbulas, bem como periodontite num maxilar e numa mandíbula. De salientar ainda a existência de uma fractura *ante mortem* de parte da coroa do FDI 38 de uma mandíbula, a agénese dos FDI 32 e FDI 42 numa mandíbula e a presença de *torus* mandibular numa peça.

As hipoplasias do esmalte dentário marcam presença em 3,9% (n=9) dos dentes, todos pertencentes à dentição anterior em maxilares e em mandíbulas.



Figura 9 – Patologias orais. a) maxilar com presença de desgaste; b) mandíbula com presença de *torus*; c) presença de HED no FDI 33.

7. DISCUSSÃO

Os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da implementação do Projecto de Adaptação Parcial do Extinto Tribunal da Boa Hora puseram a descoberto um vasto e surpreendente conjunto de material osteológico descontextualizado, correspondendo a uma deposição secundária, decorrente de uma acção antrópica ocorrida num espaço temporal relativamente recente, meados do século XX, em consequência de obras realizadas neste edifício.

Este espólio osteológico deverá associar-se à utilização desta área edificada como antigo espaço religioso, o Convento da Boa Hora, fundado na primeira metade do século XVII, e sua área de necrópole. Importa notar, como mencionado, que a reconstrução deste convento, em período pombalino, traz uma alteração na localização da sua igreja original (junto à Rua Nova do Almada), sendo a mesma agora implanta junto ao Largo da Boa Hora, genericamente na mesma área onde os presentes trabalhos decorreram.

As fortes alterações do edificado, decorridas com a instalação do Tribunal da Boa Hora, descaracterizaram por completo a antiga igreja, e as obras mais recentes, provavelmente associadas à instalação das celas dos prisioneiros neste local, trouxeram ainda uma importante afectação do seu subsolo, e provavelmente dos contextos funerários associados a este espaço religioso.

Este conjunto significativo de material osteológico humano encontrava-se no interior do vão de escada de acesso ao Piso 1, confinado junto ao vértice do ângulo da parte inferior da escadaria, a qual corresponde a uma construção contemporânea, em cimento e tijolo, tendo os ossos aí sido depositados, directamente sobre um piso em cimento e sem qualquer cobertura, após a sua construção.

Os materiais presentes neste ambiente correspondem sobretudo a restos de vestuário ou tecidos fune-

rários, importa referir que a grande maioria do material ósseo se encontrava limpo, sem vestígios de terra, o que nos remete para a possibilidade de parte dele ser proveniente de um espaço como uma cripta, o que poderá igualmente reflectir o estado de preservação que o caracteriza.

A totalidade do material osteológico, constituída por aproximadamente 1571 peças ósseas identificáveis, corresponde a um número mínimo de 43 indivíduos agrupados num ossário artificial. Em várias situações foi clara a compatibilidade entre ossos pertencentes ao lado direito e ao lado esquerdo de um mesmo indivíduo, bem como a correspondência entre o número dos ossos bilaterais.

A estimativa da idade à morte aponta para 39 adultos (90,70%) e 4 não adultos (9,30%) com idades inferiores a 7 anos. Foi possível identificar elementos osteológicos morfologicamente dimórficos de 11 indivíduos de sexo feminino (28,21%), 17 masculinos (43,9%) e 11 de sexo indeterminado (28,21%). Estes dados reflectem que esta corresponde a uma amostra não natural, devido à grande percentagem de indivíduos adultos relativamente aos não adultos.

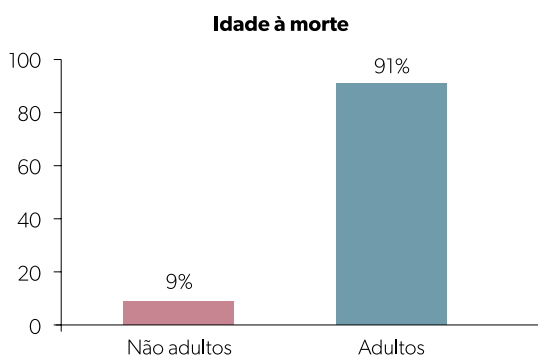


Figura 10A – Perfil biológico do material osteológico recuperado no extinto Tribunal da Boa.

Diagnose sexual

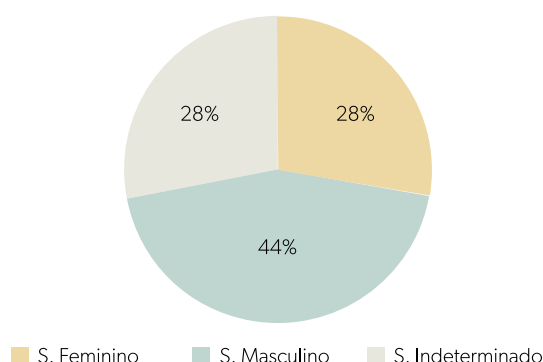


Figura 10B – Perfil biológico do material osteológico recuperado no extinto Tribunal da Boa.

De um modo geral a estatística relativa ao cálculo das estaturas revela, como seria de esperar, valores um pouco mais elevados para o sexo masculino, com uma média de 165,84cm e mais baixos para o sexo feminino com média de 151,89cm, apresentando uma diferença entre sexos de cerca de 13,95 cm, sendo notória uma baixa dispersão de valores dentro de cada sexo.

Foram detectados diversos tipos de patologias existentes durante a vida destes indivíduos, salientando-se as lesões degenerativas não articulares associadas directamente ao esforço músculo-esquelético, que em diversos exemplos se manifestam de modo significativo. Deve ser tido em conta que os diagnósticos diferenciais ficaram severamente condicionados, visto as análises se efectuarem em peças isoladas e não com indivíduos completos, reduzindo significativamente a possibilidade de aferir resultados precisos, não descurando que os resultados explanados resultam apenas dos dados de campo, sendo deste modo imperativa uma análise em ambiente laboratorial de carácter mais assertivo.

Esta é uma amostra que através da sua singularidade espelha um carácter cativante, que apresenta um estado de preservação de excelência e que permitiu numerosas informações relevantes, assumindo uma importância essencial para um conhecimento e caracterização da história funerária da época moderna da baixa Lisboa. É o reflexo efectivo de que apesar da destruição do contexto funerário, com a devida abordagem, dados valiosos podem ser recuperados.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Norberto, (1993) – *Peregrinações em Lisboa*, Livro XIII. Lisboa: Vega.
- AUFDERHEIDE, A.; RODRÍGUEZ-MARTIN, C. (1998) – *The Cambridge Encyclopedia of Human Paleopathology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- BARBOSA, Ana Lúcia (2014) – *Contributos para a definição de uma metodologia do projecto de reabilitação em edifícios de valor patrimonial: interpretação arquitectónica e construtiva de edifícios. O caso de estudo do Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora – Adaptação a Tribunal e a Escola*. Projecto de Especialização Formativa. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa (texto policopiado).
- BRUZÉK, Jaroslav (2002) – A method for visual determination of sex, using the human hip bone. *American Journal of Physical Anthropology*, 117, pp. 157-168.
- CUNHA, Eugénia (1994) – *Paleobiologia das Populações Medievais Portuguesas: Os casos de Fão e S. João de Almedina*. Dissertação de doutoramento em Antropologia. Coimbra: Universidade de Coimbra [não publicado].
- CUNHA, Eugénia (1996) – Viajar no tempo através dos ossos: a investigação paleobiológica. *Al-Madan*, 5 – II Série, pp. 131-141.
- CRUBÉZY, Eric (1988) – *Interactions entre facteurs bio-culturels, pathologie et caracteres discrets. Exemple d'une population medievale. Canac (Aveyron)*. These Docteur en Medicine. Faculte de Medecine – Universite de Montpellier I.
- DIRKMAAT Dennis C.; CABO, Luis L.; OUSLEY, Stephen D.; SYMES, Steven A. (2008) – New perspectives in forensic anthropology. *Yearbook of Physical Anthropology*, 51, pp. 33-52.
- FEREMBACH, Denise; SCHWIDETZKY, Ilse; STLOUKAL, Milan (1980) – Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons. *Journal of Human Evolution*, 9(7), pp. 517-549.
- FINNEGAN, Michael (1978) – Non-metric variation of the infra-cranial skeleton. *Journal of Anatomy*, 125(1), pp. 23-37.
- HERRMANN, B.; GRUPE, G.; HUMMEL, S.; PIEPENBRINK, H.; SCHUTKOWSKI, H. (1990) – *Praehistorische Anthropologie. Leit-faden der Feld-und Labormethoden*. Berlin: Springer Verlag.
- MACLAUGHLIN, S. M. 1990 – Epiphyseal fusion at the sternal end of the clavicle in a Modern Portuguese skeletal sample. *Antropologia Portuguesa*, 8, pp. 59-68.
- MENDONÇA, Joaquim Moreira de (1758) – *História Universal dos Terramotos*. Lisboa: [s. n.].
- OLIVIER, G.; AARON, C.; FULLY, G.; TISSIER, G. (1978) – New estimation of stature and cranial capacity in modern man. *Journal of Human Evolution*, 7(6), pp. 513-518.

ORTNER, Donald (2003) – *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. 2ª ed., Amsterdam: Academic Press.

ROBERTS, C.; MANCHESTER, K. (2005) – *The Archaeology of Disease*. Gloucestershire: Sutton Publishing Ltd.

SILVA, Ana Maria (1995) – Sex assessment using the calcaneus and talus. *Antropologia Portuguesa*, 13, pp. 107-119.

SIMÃO, Inês; FURTADO, Catarina; LOURENÇO, Marina (2016) – *Escola da Baixa JI+EB1 / Projecto de Adaptação Parcial do Extinto Tribunal da Boa Hora, Largo da Boa Hora 15-17, Lisboa. Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos*. [S. l.]: Era Arqueologia S.A.

SMITH, Holly (1984) – Patterns of molar wear in hunter-gatherers and agriculturalists. *American Journal of Physical Anthropology*, 63, pp. 39-56.

UBELAKER, Douglas. (1989) – *Human skeletal remains: excavation, analysis, interpretation*. Washington: Taraxacum Washington.

VALDEMAR, António (1994) – “Boa-Hora (Conventos e Tribunal da)” in SANTANA, F.; SUCENA, E. (dir.) *Dicionário da História de Lisboa*. Sacavém: Carlos Quintas & Associados – Consultores, pp. 177-178.

WASTERLAIN, Rosa Sofia (2000) – *Morphé: Análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da colecção de esqueletos identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. Coimbra: Universidade de Coimbra [não publicado].

